

Seis poemas de *O enigma das ondas*

Rodrigo Garcia Lopes¹

Aéreo reverso

A palavra surfista desce a onda verso,
ganha velocidade na linha

então retorna e a

Rasga, num cutback,
e num S perfeito escala
até a espuma:
seus pés
pressionam a prancha

na batida a quilha desliza pelos metros de
cristas

Outra cavada forte em sua base
e parte para cima, faz um leque e gira
sobre si, desenha na parede
outra curva rápida-elegante
Agora
um mundo branco se desmorona lentamente
às suas costas

(as sílabas ficam invisíveis enquanto atravessam o tubo)

Só mais alguns segundos

¹ Poeta, romancista, tradutor, compositor, ensaísta e jornalista. Publicou os livros de poesia *Solarium* (1994), *Visibilia* (1996), *Polivox* (2002), *Nômada* (2004), *Estúdio realidade* (2013), *Experiências extraordinárias* (2015) e *O enigma das ondas* (2020). É autor do romance policial *O Trovador* (finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2015). E-mail: rgarcialopes@gmail.com.

para o fim da
bateria

A palavra surfista ressurge do spray da casa de vidro
rasga a muralha esmeralda
em uma
manobra clássica
corta pra dentro

Uma vez mais
atinge o lábio da onda
e voa

Pós-verdade

Manhã de chuva, carrancuda
como um general russo.

Do nada, desanda a pensar:
a metalinguagem repôs (perigosa-

mente) o solipsismo do eu-lírico romântico.

Por que não o som do caminhão de lixo

ou a pitanga no bico do pássaro
contra um céu ardente ardósia?

A mancha de mostarda em sua blusa?

A menor distância entre dois pontos

não é você, Ego, seu tonto.

Céus, que luta mais inútil

se pode travar num papel?

Pra que se encalacrar com este encavalar

de palavras parvas que não levam a nada,
nenhum Valhala, Alamut, nenhuma Atlândida?

E o pior cego, insisto, é o que disse
que a vida não vale um alpiste

e que o dia é fake news e não existe.
Faça o seguinte, ou não faça:

Substitua a arrogante arte da recusa
pela simples e grata aceitação das coisas.

Sextina: o Dia da Marmota

Vai estar frio, vai estar cinza, e vai durar para o resto da sua vida.

Phil Connors (Bill Murray), em *Feitiço do Tempo*

O rádio-relógio dispara exatamente às seis
ao som de “I got you babe”. O DJ anuncia: “É hoje
o Dia da Marmota! Tá *muito* frio lá fora!”
Phil acorda e diz: “Mas isso não foi ontem?”
As saídas da cidade, bloqueadas. Voltou outra vez.
Na sexta, percebeu: era prisioneiro do presente.

Olhou-se no espelho; sim, estava ali, presente.
Ligou pros seus irmãos (eram em seis):
“Ninguém atende! É isso, acontece toda vez,
como previ!” Amanhã não estaria mais frio que hoje
e Rita não menos ou mais bela do que ontem.
Começou uma sextina para ela. Neve caía lá fora.

Às seis tocou o rádio-relógio que ele jogara fora:

“Mas que inferno este eterno presente!”

No quarto, tudo no mesmo lugar de ontem,
quando ao som de Sonny & Cher se levantou às seis
e diante do espelho perguntou: “Será diferente hoje?”
“Nasci de mim quando acordei. Tento outra vez?”

A previsão do tempo, como Phil, pirara de vez
e os festejos haviam atraído a multidão. Fora
do hotel, Rita disse a Phil que apenas hoje
era o Dia da Marmota e que um belo presente
seria fugir de Punxsutawney depois das seis,
“na mesma van branca que pegamos ontem”.

“A marmota viu a sombra antes de ontem,
ontem, hoje também. Vou dizer mais uma vez,
Sou imortal! Sou Deus!”. Foi quando seis
caipiras jogaram o homem do tempo pra fora
do café. Acreditava agora estar num mágico presente.
“Algo me diz que nada será como hoje”.

Só que não! Rita, a produtora, confirmou que hoje
era de novo dois de fevereiro. “Engraçado, ainda ontem
sonhei que era prisioneiro do presente”.

“Nietzsche chama isso de eterno retorno. Uma vez,
em Elko, aconteceu comigo. Você me deu o fora,
ontem”, disse Rita. “Não, amor, transamos umas seis”.

Vai, sextina, ontem não houve. Amor venceu mais uma vez.
Este presente é precioso e não se joga fora.
Phil deletou a sextina. Hoje, exatamente às seis.

Dreamscape, 4/8/2016

Ir além de mim

Num tapa

A tal realidade alterada
Não está em nenhum mapa

Tão nublado agora que poderia
Ser noite ainda

Trânsito pesado cipoal de pistas
na entrada da ilha

velha ponte suspensa por girafas gigantes amarelas

Minhas expectativas hoje se resumem a
Chegar em casa
Abrir a casa
Aguar as plantas

A lembrança da noite semi-insone
no interior do ônibus
A luz fantasmagórica dos novos zumbis
nos smartphones

Todos os vícios humanos
A estranha sensação de irrealidade disso
Essa viagem no espaço-tempo que é este nervoso
verso
A incerteza em relação a tudo

É bizarro

Perceber que todos os sonhos
Neste motel em movimento
Sempre tem um quê de serpentes velozes

Abduzido às 3 e meia da manhã, jogado

num devaneio persa de cores tapeçarias índigos e escarlates
numa cidade iluminada rua entupida de feéricos bazares

Fogueiras por toda parte
Manipuladas pela CIA

De cima pude ver uma van de turismo ser engolida por uma onda
no momento em que tentava atravessar uma praia da Síria
por estreitíssima faixa de areia

“Eu” havia virado um espírito, persona non grata
de realidade aumentada,
Ariel ingênuo, drone onisciente
e flutuava me movimentava pelo espaço
com incrível habilidade e controle

de movimentos.

Era certamente minha mente pensando
Criando formas de elaborar a viagem noturna a seu modo
Ou talvez atuando em dimensão paralela

Pessoas de turbantes pulavam e tentavam me pegar
Eu uma espécie de espírito zombeteiro e forasteiro
Daquela realidade de Sheherazade
O qual era preciso capturar e colocar
Numa espécie de cubo de cristal.

(Por uns segundos pensei ter aberto os olhos —
pude ver a luminosidade da pequena tela
engolir o perfil hipnotizado e alien do meu vizinho)

Chovia como se nunca tivesse chovido

Mas ainda assim eu via as torres
em chamas, cidades da noite vermelha,
Meu pai repousando num cemitério de corais
E, por todo o globo terrestre,
Multidões desesperadas atrás de malignos Pokémons.

Tritina para Orfeu

Quando o som era apenas som
e o sentido ainda não fazia sentido
tudo o que tínhamos era o mundo,

ou melhor, a imagem de um mundo
ainda mudo, profundo, mas sem o som
da linguagem a gerir um sentido

ao que antes era apenas pressentido;
a consciência de estar no agora do mundo
que Orfeu transforma em outro som:

O som do sentido nascendo no mundo.

Adivinha

tão imenso
que se ficar calado
ainda o escuto

tão frágil
que se disser seu nome
irá quebrá-lo